

**Utopia da saúde perfeita:
a nova ideologia do corpo
na modernidade¹**

Artur Perrusi

*Psiquiatra e sociólogo, professor do
Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Federal da Paraíba
(Campus I - João Pessoa)*

Nosso objetivo, nesse artigo, é defender a hipótese de que estamos vivenciando ou, pelo menos, estamos começando a incorporar um novo sistema de crenças ou representações sociais relativas ao corpo. Tal sistema de crenças, cuja direção aponta para um conjunto de valores de tipo utópico – pois estrutura padrões sociais visando normas que interpelam as expectativas das pessoas e um futuro possível –, organiza e é, *também*, constituído por comportamentos e ações sociais. Talvez a novidade, em relação a outras utopias passadas, seja que sua estruturação é, fundamentalmente, baseada em valores provenientes do mundo da tecnologia e da ciência, em particular da medicina.

Tal utopia é chamada por Lucien Sfez (1995) de "utopia da saúde perfeita". Uma utopia de fato diferente, pois implicaria uma narrativa imaginária muito mais identificada a um projeto previsível do que a uma mera ficção. A legitimidade dessa utopia seria dada pelo discurso legitimador das ciências, principalmente das tecnociências – justamente uma legitimidade que afirmaria a previsibilidade e a possibilidade de realização da "utopia da saúde perfeita". Pois, atualmente, toda ideologia ou organização ideativa que se preze utiliza a ciência – o "discurso" mais legítimo e legitimador do mundo contemporâneo – com fins de legitimação (vide os novos esoterismos que estruturam sua legitimidade através de argumentos pseudocientíficos).

Sfez afirma que a "utopia da saúde perfeita" é uma utopia, mas uma utopia que se distingue das do passado. As utopias de outrora, tais como a construída por Thomas More, tinham como ponto de partida uma crítica da realidade presente, isto é, havia uma insatisfação com o presente, produzindo-se a necessidade de uma narrativa ficcional que criasse uma "realidade" alternativa. Geralmente, a utopia estava situada num lugar imaginário, como uma ilha, permitindo uma bricolagem de elementos passados e presentes, ao mesmo tempo que dava um efeito de realidade – afinal, estava-se na época das Grandes Descobertas. O objetivo da utopia era recriar a natureza humana a partir de normas e regras, delimitando com precisão o Outro a ser excluído da comunidade utópica. Já a "utopia da saúde perfeita" teria como ponto de partida a *reconstrução* da realidade (intervenção prática das tecnociências no corpo e no planeta), sendo menos uma narrativa do que um projeto (ou seja: realizável e factível). O lugar da utopia seria "real", isto é, o corpo e o planeta Terra, e não um lugar imaginário e distante. O objetivo seria supernaturalizar a natureza humana (através das tecnociências, "aprimorando" as aptidões físicas, a longevidade e a saúde do corpo, conservando e aprofundando a "natureza" da natureza do planeta), bem como o Outro a ser excluído seria o outro que está em nós mesmos e que precisa ser afastado para a afirmação de nossa "evolução" (Sfez, 1995: 121).

Uma "utopia do possível", então? Sim, mas no sentido de que, incrustado no

próprio imaginário da utopia, o exequível tem um valor fundamental; por isso, as conquistas científicas são tão enfatizadas, já que baseiam factualmente a possibilidade da afirmação utópica: "sim, é possível uma saúde perfeita". Assim, projetos como o Genoma alimentam a utopia do corpo perfeito, correlato da saúde perfeita, *pois representam concretamente a possibilidade de uma intervenção prática, mesmo que emoldurada pela ficção, no corpo humano*. Nesse sentido, a "utopia da saúde perfeita" seria uma "ficção realista" que enquadraria práticas do cotidiano – práticas que não visam apenas um futuro possível, mas principalmente um presente do "aqui e agora" –, engendrando "crenças mobilizadoras" que formatariam condutas e comportamentos.

A obsessão pelas dietas, a compulsão pela malhação, a fobia do colesterol, a obstinação por "condutas saudáveis" e aprovadas pela medicina, a medicação de qualquer transtorno somático são exemplos, entre outros, apenas superficiais da busca presente dessa utopia – a palavra-chave dessa busca é a compulsão individual e não, como antigamente, um diálogo, uma superação ou uma reafirmação da tradição. O lado velado desse complexo de comportamentos é uma moralidade ou visão do homem – o que, aliás, apenas reafirma o fato de que toda e qualquer utopia guarda consigo uma moralidade – a qual radicaliza, de uma maneira bem singular, o valor supremo da modernidade: o individualismo (Louis Dumont, 1983).

A "utopia da saúde perfeita" seria uma "superideologia", já que alicerçada em ideologias poderosas e mobilizadoras: a) crença na tecnologia moderna; b) crença na ciência; c) crença na medicina; d) crença na veracidade da ecologia e, por fim, e) *crença na capacidade individual de autoregulação e autodisciplina física e mental*. A "materialidade" dessa superideologia seria um tanto evidente, pois inscrita no Estado através das políticas de saúde, na expansão institucional e no "imperialismo moral" da medicina, nas conquistas científicas, em particular da genética, nas práticas ecologistas, nas atividades esportivas, na expansão da indústria médica e farmacológica, e na formação de um mercado e de um consumo de atividades e produtos relacionados à higiene física e mental.

Não faltam, inclusive, nesse complexo de crenças, narrativas fabulosas e imaginárias que perpassam o cotidiano dos sujeitos, produzindo representações sociais do corpo e da saúde perfeitos: a ficção científica. Embora seja de praxe avaliar que a ficção científica, como estilo literário, está esgotada, pode-se afirmar, com certeza, que ela expandiu-se e se consolidou em outros campos artísticos, principalmente nas histórias em quadrinhos e no cinema. *Seria na ficção científica que se realizariam, enquanto imaginário, todas as injunções da "utopia da saúde perfeita", principalmente no que diz respeito à apologia do corpo perfeito*. A ficção científica, na verdade, junta à "utopia da saúde perfeita" outras injunções ideológicas fundamentais, tais como a apologia da técnica e da ciência – não quero dizer que a ficção científica não possa ser utilizada *também* para denunciar justamente tais injunções, o que acontece freqüentemente; na verdade, a ficção científica realiza de forma ficcional, tanto crítica como apologeticamente, diversas ideologias de nosso tempo.

Todo esse sistema de crenças "funciona" a contento, no sentido de reproduzir e ser reproduzido pelas práticas do cotidiano, porque inscreve-se num dos *habitus* (Pierre Bourdieu, 1980) fundamentais da modernidade: as práticas relacionadas ao controle do corpo. A "utopia da saúde perfeita" pode ser julgada como um sistema de crenças que radicaliza a modernidade, porque interpela diretamente o núcleo da individualidade e da subjetividade modernas, justamente o corpo. Historicamente, na modernidade, o corpo é afirmado como o santuário da individualidade e da subjetividade. O homem adquiriu a chamada "liberdade individual" a partir do momento em que foi reconhecido como sua propriedade, além da sua vida, o seu

próprio corpo. Por isso, na esfera jurídica, o controle desse corpo-santuário não pode ser realizado por códigos punitivos que o façam o principal objeto da pena. A punição do corpo colocaria em xeque a liberdade individual e a própria noção do corpo como templo da individualidade e da subjetividade humanas. Torna-se necessária, assim, outra forma de controle, outra tecnologia de poder, outra normalização do corpo: a punição da "alma", essa apologia jurídica da liberdade individual. Torna-se necessária, enfim, uma nova forma de controle do corpo: a *disciplina* (Foucault, 1977).

O nascimento da *disciplina* é o nascimento de um mundo onde o controle do corpo passa pelo controle da "alma". Um mundo onde a tradição vai aos poucos perdendo sua força normativa, dissolvendo-se no "desencanto do mundo". Um mundo comandado pela expansão de uma ética baseada no individualismo, essa obsessão da modernidade. A Reforma trará o paradigma emocional da disciplina: conflito e culpabilidade; o Espírito do Capitalismo, o indivíduo-empresendedor, a busca da felicidade na competição e nos mercados. A moralidade vai afastando-se da emoção. A luta pela acumulação de riquezas não entra mais em contradição com a ascese e o comportamento repressivo. A economia liberta-se da moral. A rotina, ao perder de vista a tradição, torna-se vazia – o hedonismo, aos poucos, vem preenchê-la.

Mas a *disciplina* ainda guarda uma relação de dependência com o mundo tradicional, pois ainda impõe limites à plena soberania do sujeito. A repressão sexual e a obediência disciplinar respeitam a tradição – como a tradição, a disciplina vem de fora. A culpabilidade lembra sempre o vínculo com o passado, mesmo que já seja cada vez mais por um processo neurótico; o conflito reflete um sintoma de ruptura com o passado, mas apenas para reafirmá-lo de forma repetitiva. E, apesar do crescente hedonismo, o indivíduo-soberano possui claros limites, navegando apenas entre o permitido e o proibido.

Contudo, o crepúsculo da tradição vai-se anunciando ao longo da história da modernidade. Já no final do séc. XIX, Nietzsche, com estardalhaço e algum desespero, anuncia a vitória do indivíduo-soberano. Um ser sem guia, cada vez mais sem referências externas, julgando o mundo por si e de si mesmo. Um indivíduo, *avant la lettre*, que não tem destino, faz o seu destino; que não percebe sentido no mundo, projeta seu sentido. Uma pessoa sem Deus e sem Absoluto guiando sua vida; nada de Fora para lhe dizer o que se deve ser e como deve se conduzir. Sua forma de estar-no-mundo passa pela exteriorização da sua interioridade. Ele não é mais um ser, é um ente.

O indivíduo-soberano encontra seu momento de realização histórica na dita "Revolução de 68". A partir dessa explosão, a individualidade transformar-se-á continuamente. A interioridade do indivíduo será menos regada pelo duo permissão-proibição do que pelo abismo entre o possível e o impossível ("é proibido proibir" – lembrar sempre dessa palavra-chave da radicalização do individualismo). Os comportamentos passam a ser balizados menos por uma obediência disciplinar do que pela decisão e pela iniciativa pessoais. Tal radicalização da liberdade individual corre *pari passu* com a instauração da sociedade de consumo. A pessoa não acumula tanto, não mais se reprime; ela consome, exterioriza-se. Não age mais conformada a uma ordem externa; age utilizando seus próprios recursos, suas competências e aptidões cognitivas. Ela está só, mas está "livre". Fabrica projetos, procura motivações, pede comunicação. Não vai ter mais medo da culpa, pois ficará apavorada com o fracasso. "68" significará o deslocamento normativo da culpa para a responsabilidade. O indivíduo começará a sentir o peso da liberdade e da soberania da individualidade. Estamos em plena radicalização da modernidade; estamos na pós-modernidade.

Como tais transformações vão repercutir no corpo? Na verdade, a passagem normativa da culpa para a responsabilidade vai ter conseqüências não apenas no enquadramento social do corpo, mas também no do espírito – o corpo sofrerá injunções psicológicas e somáticas. Do ponto de vista psicológico, o indivíduo assistirá ao declínio do conflito como referência de sua interioridade. Através do conflito, o indivíduo era/é capaz de manter uma separação entre o que é possível e o que é permitido. Separando-se de si, era/é possível encontrar uma unidade. Não a encontrando, o indivíduo podia incorporar a doença-paradigma do excesso de disciplina: a histeria, a neurose do conflito.

Entregue a si mesmo, o indivíduo sofrerá, caso fracasse, a doença do começo do milênio: a depressão, a doença da responsabilidade individual. A busca compulsiva pela felicidade e/ou a busca solitária pela realização pessoal podem ser sintomas de liberdade, mas têm um preço alto a pagar: o fracasso. A depressão, nesse sentido, é sintoma de fracasso, de déficit, de ausência, de perda da iniciativa, do malogro da responsabilidade, da tragédia da insuficiência, da história de uma individuação impossível... Mas não só de depressão vive o indivíduo pós-moderno – outra doença que se conecta à depressão e aprofunda-a: a toxicomania. A infinita liberdade do sujeito-soberano pode ser a infinita liberdade de se viciar. O vício é a contrapartida patológica do consumismo hedonista. Ele pode se viciar em tudo e, ao fazê-lo, perde a capacidade de se fazer sujeito. Torna-se escravo de si mesmo. É o anti-sujeito, corrompido pela tentação de tudo poder, tudo experimentar, tudo se viciar. O viciado representa a nostalgia do sujeito perdido (Alain Ehrenberg, 1998: 17).

Acreditamos que a busca (ou compulsão) da felicidade e da realização pessoal, alcançadas através do esforço individual, possui uma afinidade eletiva com a "utopia da saúde perfeita" – ela é o culto da performance. A contrapartida é, muitas vezes, a depressão e o vício. A histeria, doença do conflito, separava morbidamente corpo e psiquismo; a depressão une-os no fracasso do sujeito. A procura da felicidade e do sucesso passa também e especialmente pela "procura" de um corpo saudável. A saúde do corpo é o primeiro anteparo contra o fracasso social, sentido individualmente. A ética do começo do milênio é a bioética.

Com o advento da sociedade de consumo, da globalização, da massificação educacional e da expansão das políticas de saúde, os indivíduos estão cada vez mais preocupados com o corpo, adotando uma relação reflexiva e consciente diante dele. Subindo a hierarquia social, à medida que crescem o nível de instrução, as interpelações ideológicas do indivíduo-soberano e diminui o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual, as normas de conduta que regem a relação do sujeito com o corpo são mais e mais interpeladas pela medicina e pelas técnicas de controle do corpo.

Os atuais desenvolvimentos das tecnociências, principalmente as aplicações genéticas na medicina e a tendência crescente à eugenia, permitirão não apenas uma moldagem corporal para fins atléticos e estéticos, mas também uma intervenção direta no desenvolvimento somático, inclusive fenotípico. O horizonte utópico é o corpo heróico ou o corpo divino, sem doença e com muito sucesso. O individualismo talvez chegue ao seu desiderato. O indivíduo não precisará mais da Bíblia para ter seu solilóquio com o Absoluto, como queria a Reforma Protestante; precisará apenas de seu corpo. Qual será o sentimento dessa época futura? Talvez a suprema solidão.

Em suma, o indivíduo, na malhação, pedalando a bicicleta, suando depois na esteira, fazendo dieta e tomando Prozac representaria meio caminho andado na direção da utopia da saúde perfeita. Pedalando e sonhando com o Genoma, ele teria confiança no futuro. Sentiria alguma certeza num mundo de incertezas; teria

alguma referência, num mundo sem nenhuma. Ele conseguiria realmente apaziguar a incerteza inerente de sua vida? Qual seria o preço de ser sua própria transcendência? Talvez, pobre sujeito, a de ser uma incerteza transcendental...

Bibliografia

- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.
- CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Lisboa: Difel, 1990.
- DUMONT, Louis. **Essais sur l'individualisme**. Paris: Seuil, 1983.
- EHRENBERG, Alain, *La fatigue d'être soi*, Paris: Editions Odile Jacob, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: o cuidado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich & LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, radiação e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- SFEZ, Lucien. **La santé parfaite: critique d'une nouvelle utopie**. Paris: Seuil, 1995.

Nota

1) Trabalho apresentado na sessão "Vida, saúde, doença: tempos e imagens", no GT "Saúde, corpo e imaginário", durante o X Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, realizado no Campus de Ondina da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, entre 14 e 17 de agosto de 2001.